

Sobre o desenvolvimento da região de Caxias do Sul

Aurea C. M. Breitbach

*Economista, Técnica da FEE, Doutoranda em
Geografia Econômica pela Universidade de Paris I.*

Resumo

O texto trata do desenvolvimento econômico da região de Caxias do Sul, que apresenta peculiaridades em relação ao que se tem visto recentemente na literatura sobre economia regional. As recentes transformações na economia internacional, comumente chamadas processo de globalização, aprofundaram as incertezas e o risco na atividade econômica. Com isso, ganha espaço a questão da especialização/diversificação industrial de regiões. A região de Caxias do Sul é apresentada como um caso em que a diversificação tem um papel importante na sustentação do crescimento regional durante a difícil década de 90. Embora não seja o único fator a explicar o dinamismo da região, a diversificação de gêneros industriais permite maior flexibilidade de resposta frente às adversidades de um contexto econômico instável e altamente competitivo.

Palavras-chave

Economia regional; diversificação industrial; desenvolvimento local.

Abstract

This paper focuses the economic development of the region of Caxias do Sul, situated in the south of Brazil, which presents some peculiarities regarding the newest trends and developments of the literature on regional economics. The recent international globalization process deepened the uncertainties and the risk in the economic activity herewith opening space in the economic debate for the issue of industrial specialization and/or diversification on regional bases. The region of Caxias do Sul is presented as a case in which the diversification played an important role in the regional growth, during the hard last decade. In spite of not being the single factor explaining the dynamism of that region, the diversification of the existent industrial branches allows greater response flexibility regarding the adversities of an instable and highly competitive economic context.

Este texto comenta, muito brevemente, alguns aspectos da pesquisa referentes à tese de doutorado que desenvolvemos.¹ O tema inscreve-se no contexto do desenvolvimento regional, e seu objetivo é mostrar um caso de desenvolvimento baseado na indústria, que contribui com algumas peculiaridades em relação ao que se encontra correntemente tratado na literatura específica. Dito de outra forma, ao enfatizar as particularidades do desenvolvimento da região de Caxias do Sul, buscamos, de um lado, salientar a importância de estudos regionais para ampliar os aportes teóricos sobre o tema, sobretudo no Brasil, onde ainda há muito o que fazer nessa área.²

De outro lado, pretendemos alertar para o escasso poder de generalização que têm as abordagens que circulam na literatura referente à economia regional, as quais, em grande parte, estão à procura de “modelos” de desenvolvimento a serem aplicados a realidades diversas. Nossa intenção é mostrar que isso não é possível e nem mesmo desejável. No processo de integração econômica que estamos vivendo em nível internacional, as peculiaridades regionais têm-se mostrado muito úteis para proporcionar inserções vantajosas no novo quadro de relações entre os diferentes espaços econômicos. Na verdade, as formas pelas quais as regiões buscam o desenvolvimento são inúmeras e variadas, tornando sem sentido a procura de “modelos” generalizáveis. Ao contrário, parece que as particularidades, em vez de desaparecerem, tendem a ser valorizadas, na medida em que algumas regiões conseguem transformar em vantagens competitivas suas potencialidades locais.

Para a delimitação territorial de nossa região de estudo, partimos da microrregião geográfica de Caxias do Sul, identificada pelo IBGE, formada por 16 municípios. Tendo em vista que a atividade industrial é que caracteriza a região e lhe confere dinamismo, deixamos de considerar sete pequenos municípios que não apresentam significação industrial. Assim, trabalhamos, unicamente, com os Municípios de Antônio Prado, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, São Marcos e Veranópolis. Esses nove municípios detêm 99,2% do PIB industrial da microrregião do IBGE, bem como 96,6% da sua população total.

¹ Este texto, com algumas alterações, foi publicado nos Anais do XXI Encontro Estadual de Geografia, realizado em Caxias do Sul, em jun./01, promovido por AGB-PA e UCS.

² O próprio conceito de região carece de precisão em nosso meio, podendo expressar escalas territoriais por demais diferentes, dependendo do autor, do tema tratado ou mesmo da época do trabalho. Basta citar que o Estado do Rio Grande do Sul é tomado, freqüentemente, como uma região. Muito comum é a referência a essa unidade da Federação, pelos economistas, como sendo uma economia regional (em contraponto à economia nacional).

1 - Uma região dinâmica: aspectos demográficos e econômicos

O crescimento demográfico dessa região acelerou-se nitidamente a partir da década de 70. Porém, desde 1940, os dados já demonstram um crescimento importante. Segundo o censo desse ano, a população da região representava 3,8% da população total do Estado do Rio Grande do Sul. Em 1999, essa participação já ficou em 6,17%. Isso significa que a população regional aumentou mais intensamente que a população total do Estado.

Tomando o processo de urbanização da região a partir de 1960, observa-se que a população urbana cresceu a um ritmo mais acelerado do que a população total, testemunhando a capacidade de atração da indústria nesses nove municípios. Assim, a taxa de urbanização³, que estava em torno de 50% em 1960, atingiu, em 1996, mais de 82%.

Os municípios que se urbanizaram mais rapidamente no período 1960-96 foram, pela ordem, Farroupilha, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa e Caxias do Sul.

Evidentemente, a urbanização encontrou as comunidades locais despreparadas, em termos de infra-estrutura, para absorver o elevado contingente populacional que chegava às cidades em busca de emprego na indústria. Não é surpreendente que a proliferação de subabitações, notadamente nas periferias das cidades, tenha se dado em elevadas proporções.

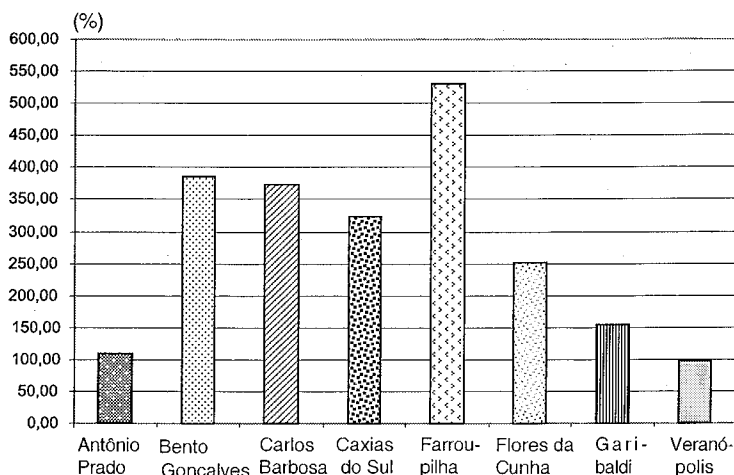
Embora não seja nosso objetivo analisar as conseqüências desse processo de urbanização descontrolada, pensamos que cabe apresentar alguns indicadores da qualidade de vida na região. Como se sabe, a região de Caxias do Sul não é uma região pobre no seu conjunto, exibindo um PIB *per capita* que está entre os mais elevados do Estado. A pobreza pode aparecer, entretanto, quando se examinam indicadores como habitação, saúde e saneamento, que expressam as carências de serviços básicos à população.

Para dar uma idéia geral, tomamos o Índice Social Municipal Ampliado (ISMA), calculado pela Fundação de Economia e Estatística. Esse índice existe para o período 1991-96 e foi calculado com base em quatro grupos de variáveis, a saber: habitação e saneamento, educação, saúde, renda. Variando de 0 a 1, o índice revela que, quanto mais próximo da unidade, melhor é a situação do município e vice-versa.

³ Taxa de urbanização = (população urbana/população total) x 100.

Gráfico 1

Taxa de crescimento da população urbana da região de Caxias do Sul — 1960-96



FONTE: IBGE. **Censos Demográficos de 1960, 1970, 1980, 1991**. Rio de Janeiro: O Instituto, 1967, 1972, 1982, 1996.

CONTAGEM Populacional de 1996. Rio de Janeiro: IBGE, 1997.

NOTA: O Município de São Marcos não foi considerado porque ainda não existia em 1960, início do período aqui considerado.

Pela Tabela 1, observa-se que o ISMA global da região se encontra praticamente acima de 0,50 no período considerado, o que significa que os municípios da região se encontram numa situação média, em termos de qualidade de vida. Isso, entretanto, não nos diz tudo, pois o índice não fornece informações que permitam perceber o grau de desigualdade interna à região. Pode-se observar, entretanto, que as variáveis relativas à educação se apresentam em melhor posição do que as demais. Isso pode indicar um certo preparo da população local, no que concerne a seu engajamento no mercado de trabalho industrial, tendo em vista que a educação está na base da formação e da qualificação da mão-de-obra.

No que concerne ao desempenho econômico, os dados são taxativos: o dinamismo industrial intensifica-se a partir de 1970, fazendo da região de Caxias a segunda em importância industrial no Estado, seguindo-se à Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA). O Gráfico 2 ilustra esse crescimento, comparando o crescimento do PIB total da região com o do Estado.

Tabela 1

Média anual do ISMA, segundo os quatro grupos de variáveis,
na região de Caxias do Sul — 1991-96

MUNICÍPIOS	HABITAÇÃO E SANEAMENTO	EDUCAÇÃO	SAÚDE	RENDA	TOTAL
Antônio Prado	0,53	0,65	0,47	0,32	0,49
Bento Gonçalves ..	0,57	0,70	0,44	0,53	0,56
Carlos Barbosa	0,58	0,78	0,38	0,45	0,55
Caxias do Sul	0,61	0,70	0,33	0,59	0,56
Farroupilha	0,56	0,62	0,38	0,58	0,54
Flores da Cunha ...	0,57	0,65	0,40	0,49	0,53
Garibaldi	0,56	0,71	0,39	0,44	0,52
São Marcos	0,57	0,64	0,35	0,53	0,52
Veranópolis	0,55	0,69	0,44	0,52	0,55

FONTE: FEE/NIS.

No que se refere à atividade industrial, os dados mostram que o Produto Interno Bruto industrial da região, que representava, em 1970, 10% do PIB industrial do Estado, passou a ser da ordem de 15,4% em 1997. Isso significa que a indústria da região cresceu em ritmo mais acelerado do que a indústria do Rio Grande do Sul.

Os gêneros industriais mais importantes da região, segundo dados da Secretaria da Fazenda⁴, são: material de transporte, mobiliário, produtos alimentares, metalúrgica, vestuário, calçados e artefatos de tecido, que juntos representam 63% da indústria regional. Salientam-se, ainda, os gêneros material elétrico e de comunicações, mecânica, bebidas e produtos plásticos, com 23% de representatividade no conjunto da indústria regional.

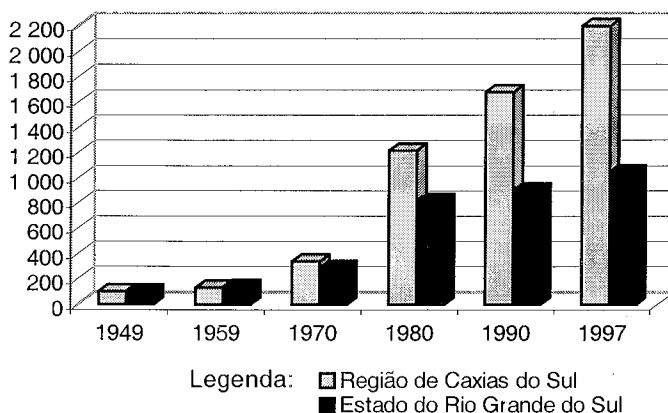
De uma maneira geral, os dados demográficos e econômicos demonstram o grande dinamismo da região, que tem um crescimento típico de uma economia de base industrial. A expansão populacional das três últimas décadas está intimamente ligada ao dinamismo da atividade industrial, que atrai populações de outras áreas do Rio Grande do Sul e mesmo de outros estados. Nosso estudo não comporta uma análise das conseqüências nefastas dessa urbani-

⁴ Tomamos por base o faturamento das empresas, segundo as **Estatísticas Econômico-Fiscais** da Secretaria da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul, em 1998, último ano disponível.

zação acelerada e sem controle, mas não podemos deixar de constatar que o dinamismo industrial vem acompanhado de problemas sociais graves, como os loteamentos irregulares, as carências na área da saúde, da educação e do saneamento.

Gráfico 2

Índices do PIB a preços constantes da região de Caxias do Sul e do Estado do Rio Grande do Sul — 1949-1997



FONTE: RENDA Interna Municipal 1939-1980. Porto Alegre: FEE; NCR, 1986.

PIB municipal do RS 1990-1997. Porto Alegre: FEE; NCR, 1998.

NOTA: Base 1949 = 100.

2 - A diversificação industrial como fator de dinamismo

Este ponto trata da idéia central que desenvolvemos na tese e consiste em demonstrar que a diversificação das atividades econômicas — especialmente da indústria — pode significar uma vantagem importante na atual conjuntura mundial, que vem se configurando a partir da abertura dos mercados.

Observa-se que grande parte das abordagens sobre desenvolvimento regional presentes na literatura enfatizam a especialização — muito mais do que a diversificação — como um fator favorável às regiões que buscam uma inserção competitiva nos mercados, tanto nacionais quanto mundiais.

De fato, há muito tempo, a ciência econômica defende a idéia de que a especialização produtiva permite baixar os custos de produção, melhorando as condições de competitividade. Nos dias de hoje, graças à modernização tecnológica e à difusão da microeletrônica, intensifica-se a especialização. Entretanto o que pode ser bom para uma firma pode não ser o melhor para uma região.

De uma maneira geral, a especialização tornou-se a palavra-chave para se obter uma inserção competitiva no mercado mundial. Tornou-se uma “recomendação” para o bom desempenho econômico e, muitas vezes, chega a ser sinônimo de progresso. Todo mundo diz-se especializado, sinal de modernidade.

Como dissemos, a especialização está presente na grande maioria das abordagens sobre desenvolvimento regional na era da globalização. Muitas das experiências relatadas pela literatura internacional repousam sobre economias territoriais especializadas, onde um tipo de produto, ou uma cadeia produtiva, domina o tecido econômico regional, como é o caso, por exemplo, dos distritos industriais e dos *clusters*.

Há, entretanto, abordagens menos restritivas no que concerne à especialização como condição para o desenvolvimento regional na atualidade. Contra-arrastando a tendência dominante, os estudiosos dos “meios inovadores” não compartilham da idéia de que o desenvolvimento regional deve fundar-se sobre a especialização. Autores como Aydalot (1984) e Matteaccioli (1995) salientam que as regiões diversificadas estão mais aptas a reagirem aos riscos e às incertezas que caracterizam a economia globalizada. Segundo eles, uma grande especialização fragilizaria a região, ficando esta à mercê das orientações do mercado internacional.⁵

Nós defendemos a posição segundo a qual a diversificação é um pilar importante para o desenvolvimento regional, principalmente se considerarmos o grau de incertezas e de riscos que reina atualmente no âmbito da economia mundial. Não quer dizer, entretanto, que ela deva ser regra básica para todo e qualquer desenvolvimento regional almejado. Nosso intuito, com este trabalho, não é outro que o de realçar o papel da diversificação industrial como um elemento positivo no contexto econômico atual.

⁵ O exemplo da região do Vale do Rio dos Sinos, na Região Metropolitana de Porto Alegre, ilustra bastante bem essa fragilidade. O desenvolvimento dessa região está baseado na cadeia produtiva coureiro-calçadista, cuja produção se dirige ao mercado internacional, notadamente os Estados Unidos. Em função das mudanças nas condições de competitividade nos mercados mundiais, principalmente devido à concorrência dos países do Sudeste Asiático, essa região conheceu grave crise durante a década de 90, com elevados níveis de desemprego e de falência de empresas. Uma comparação entre essa região e a de Caxias do Sul demonstra que a diversificação regional é um elemento importante para dar sustentação a um dinamismo industrial relativamente satisfatório. Esse procedimento foi desenvolvido na tese que preparamos.

Nosso estudo sobre a região de Caxias do Sul pretende, portanto, mostrar que, ao contrário do que parece ser a tônica das abordagens recentes sobre desenvolvimento regional, a especialização produtiva não é a única via para o sucesso econômico, nem necessariamente a melhor. Por que não considerar a diversificação das atividades econômicas como um elemento favorável? Não seria mais aconselhável aprimorar uma estrutura econômica diversificada, em lugar de aprofundar uma especialização? Se pensarmos em termos de médio e longo prazos, seria conveniente buscar-se uma forma de desenvolvimento sustentado, ou seja, uma dinâmica econômica territorializada que tenha condições de se manter no decorrer do tempo, que seja capaz de criar alternativas frente às adversidades do mercado, sem ver suas bases de sustentação ameaçadas. Uma estrutura diversificada e baseada em recursos locais apresenta-se, a nosso ver, como uma alternativa a ser reconhecida como válida para fazer face ao comportamento errático dos mercados internacionais. Uma estrutura industrial diversificada tem mais chances de se recuperar de intempéries passageiras, permitindo que os ramos com melhor desempenho assumam o comando quando alguns passam por dificuldades. Assim, o desemprego em um ramo pode significar absorção de mão-de-obra em outro. Isso sem contar com as possibilidades de integração do tecido industrial local, que a diversificação contribui para aprofundar. Dessa forma, é mais provável que o dinamismo global da região seja mantido, mesmo que nem sempre em níveis muito elevados. O importante é que a região diversificada é mais adaptável, mais flexível às mudanças econômicas do que uma região altamente especializada.

Nossa hipótese fundamental é que a região de Caxias do Sul é dinâmica e mantém uma performance industrial considerável porque ela é diversificada.⁶ Embora os reflexos da crise econômica dos anos 80 tenham se feito sentir, a região não teve sua trajetória gravemente comprometida em função disso. A maneira pela qual a região consegue resguardar seu dinamismo suscitou a elaboração de nossa pesquisa. Quer dizer, parece haver **algo de diferente** na região de Caxias, que faz com que sua economia cresça, que novos ramos sejam criados e se expandam, e que outros sofram uma reconversão. Isso só pode ser obtido em uma região com um mínimo de diversificação industrial, em que as trocas intra-regionais sejam desenvolvidas.

⁶ Além da diversificação industrial, outros fatores estão na origem desse dinamismo, os quais não são tratados aqui. Podemos, entretanto, citar a influência dos salários relativamente inferiores aos encontrados em outras regiões, aliando-se a isso a boa formação da população local, que enseja uma qualificação da mão-de-obra mais elevada, resultando numa produtividade maior. Outra fonte de dinamismo econômico da indústria regional pode ser identificada na diversidade de mercados consumidores, incluindo o incremento da atividade exportadora.

A diversificação da região de Caxias é um traço de sua formação histórica, não sendo, portanto, uma característica recente. Esse fato confere um certo grau de solidez à estrutura econômica regional que temos atualmente. Há gêneros industriais tradicionais que se desenvolveram na região — e, ao mesmo tempo, desenvolveram a região —, como a mecânica e a metalúrgica, que alimentam com insumos e bens de capital diversos outros gêneros.

Recuperando a perspectiva histórica, sabe-se que a maioria dos imigrantes italianos que chegaram à região no fim do século XIX era de agricultores. Entretanto a bibliografia salienta que muitos deles já traziam ofícios que haviam aprendido na Itália. A diversidade de conhecimentos artesanais permitiu, então, que as colônias se desenvolvessem rapidamente, apesar da distância da Capital e do relativo isolamento inicial, agravado pelas dificuldades de transporte em função do relevo acidentado.

Não apenas ofícios ligados ao cultivo da terra estavam presentes entre os pioneiros, mas registra-se, também, a atuação de fotógrafos, barbeiros, sapateiros, relojoeiros e tantos outros ofícios de matiz urbano. Estudos apontam, inclusive, a vinda de imigrantes com alguns recursos, provenientes da venda dos bens que lhes restavam na Itália. Esse grupo teria dado origem à classe dos comerciantes, que teria impulsionado fortemente o desenvolvimento das colônias, fazendo a ligação da região com a Capital e com zonas circunvizinhas.

A diversificação industrial que conhecemos hoje tem, portanto, longínquas raízes, podendo-se dizer que se constitui numa característica estrutural da economia regional. Se observarmos em largos traços a evolução dos ramos industriais ao longo do século XX, perceberemos que houve uma diversificação crescente, caracterizada não apenas pelo fortalecimento de ramos já existentes, mas também pelo surgimento de novos. O ramo de material de transporte — muito importante na região e hegemônico no contexto caxiense — sofreu um grande impulso na década de 70 com o desenvolvimento da indústria automobilística brasileira, acompanhado de grandes investimentos na infra-estrutura de transporte rodoviário. Os efeitos multiplicadores desse ramo industrial se fizeram sentir fortemente na região, tendo-se desenvolvido o que é geralmente chamado “pólo metal-mecânico”. Mais recentemente, surgiu, com grande dinamismo, o gênero de produtos plásticos, para citar apenas um dentre os novos.

Em nosso trabalho, privilegiamos a análise da diversificação na indústria, mas convém salientar que a diversificação também está presente na atividade agrícola da região. Embora com a maior produção de uvas do Brasil, os nove municípios em estudo não se especializaram nessa cultura, apresentando considerável dinamismo em culturas de subsistência e na produção hortifrutigranjeira para o mercado.

A diversificação industrial na década de 90 pode ser constatada através da Tabela 2, elaborada a partir dos dados de faturamento das empresas, fornecidos pela Secretaria da Fazenda, que mostram as participações dos gêneros industriais da região em três pontos da década.

Tomando o ano de 1998, observa-se que os gêneros mais significativos, do ponto de vista do faturamento, foram material de transporte, mobiliário, produtos alimentares e indústria metalúrgica, todos com participação superior a 10% no total da indústria regional. Cabe salientar, entretanto, o comportamento dinâmico da indústria mecânica, que obteve ganhos de participação no período. Outro ponto que chama atenção nos dados citados é a performance do gênero produtos plásticos, que iniciou a década com menos de 1% de participação para chegar a quase 3% em 1998.

Tabela 2

Participação percentual dos gêneros, segundo o faturamento, na indústria da região de Caxias do Sul — 1990, 1993 e 1998

GÊNEROS	1990	1993	1998
Minerais não-metálicos	3,0	2,8	3,2
Metalúrgica	9,7	9,5	11,3
Mecânica	8,2	7,8	9,6
Material elétrico e de comunicações	5,6	3,5	3,8
Material de transporte	16,7	19,8	19,4
Madeira	1,9	1,2	1,0
Mobiliário	9,8	11,2	14,2
Papel e papelão	2,4	2,1	2,1
Borracha	1,0	0,8	0,5
Couros e peles	1,4	1,1	0,9
Química	0,6	1,0	0,9
Farmacêutica	0,2	0,1	0,1
Perfumaria, sabões e velas	0,1	0,1	0,0
Produtos plásticos	0,9	2,1	2,9
Têxtil	0,9	1,2	1,5
Vestuário	5,6	3,4	5,9
Calçados (1)	11,8	8,1	-
Produtos alimentares	8,9	10,4	12,0
Bebidas	8,1	11,0	6,8
Editorial e gráfica	0,5	0,2	0,2
Diversos	2,7	2,6	3,7
TOTAL	100,0	100,0	100,0

FONTE: ESTATÍSTICAS ECONÔMICO-FISCAIS. Porto Alegre: Secretaria da Fazenda/RS.

(1) Em 1998, o gênero calçados foi integrado a vestuário.

Embora não seja altamente modernizado tecnologicamente, o gênero produtos alimentares apresenta uma firme evolução no período considerado, aumentando bastante sua representatividade no cenário regional. Da mesma forma, a indústria de móveis tem tido um excelente desempenho na última década, vindo a representar um dos pilares da indústria da região. O gênero bebidas, por sua vez, apresentou um comportamento oscilatório, sem, entretanto, deixar de ter um papel importante.

A diversificação da região de Caxias do Sul pode ser demonstrada de uma outra maneira, tomando como indicador o emprego formal por ramo da indústria. Essas informações foram aplicadas à tipologia de centros industriais elaborada por Almeida e Ribeiro (1991), cujo critério é o peso dos diferentes gêneros no valor total do valor da transformação industrial (VTI). Nós substituímos o VTI pelo emprego por dois motivos principais. O primeiro consiste no fato de que a variável emprego não é diretamente influenciável pelas oscilações do valor real da moeda (inclusive pelas cotações do dólar), ensejando uma comparação temporal menos viesada. O segundo motivo está relacionado à característica da indústria da região de Caxias do Sul, ou seja, essa é uma região cuja indústria trabalha, em grande parte, no padrão “mão-de-obra intensiva”. Assim, julgamos que a variável emprego é mais expressiva para fundamentar uma tipologia da indústria da região, com a finalidade de avaliar seu grau de diversificação e de especialização.

O Quadro 1 foi construído com base nessa tipologia e apresenta a situação de cada município no início e no fim da década de 90.

Assim, observa-se que a região, como um todo, aprofundou seu grau de diversificação no período em análise, tendo passado do Grupo 4 para o Grupo 5. Esse fato se reveste de grande importância no contexto da argumentação que desenvolvemos.

Na literatura sobre desenvolvimento regional em períodos recentes, predominam exemplos de regiões que, ao buscarem uma especialização, adaptaram sua estrutura e seu modo de funcionamento às novas condições de competitividade, o que resultou, na maioria dos casos, em crescimento econômico regional. São emblemáticos os casos de Silicon Valley, nos EUA, região especializada em microeletrônica, bem como da Emiglia Romana, na Itália, região especializada em bens tradicionais como calçados e vestuário. Na Suíça, tem-se o caso da região do Jura, que era especializada em relógios e em outros instrumentos de precisão com funcionamento mecânico. Com o surgimento do quartzo e da relojoaria de base eletrônica, principalmente de origem japonesa, a região entrou em recessão. A saída encontrada foi aprofundar sua própria especialização e incorporar a tecnologia eletrônica, fazendo com que a região retomasse o dinamismo.

Quadro 1

Grau de diversificação industrial segundo tipologia de Almeida e Ribeiro (1991) na região de Caxias do Sul — 1990 e 2000

DISCRIMINAÇÃO	ANTÔNIO PRADO	BENTO GONÇALVES	CARLOS BARBOSA	CAXIAS DO SUL	FARROU-PILHA	FLORES DA CUNHA	GARI-BALDI	SÃO MARCOS	VERANO-POLIS	TOTAL REGIÃO
1990	1) Fortemente monoindustrial	3) Bipolarizado	2) Monoindustrial	4) Tendência à diversificação	5) Diversificados	1) Fortemente monoindustrial	2) Monoindustrial	3) Bipolarizado	4) Tendência à diversificação	5) Diversificados
2000	1) Fortemente monoindustrial	2) Monoindustrial	3) Bipolarizado	4) Tendência à diversificação	5) Diversificados	1) Fortemente monoindustrial	2) Monoindustrial	3) Bipolarizado	4) Tendência à diversificação	5) Diversificados

Fonte: RAIS-MTE.

ALMEIDA, R.; RIBEIRO, M. Análise de organização espacial da indústria brasileira através de uma tipologia de centros industriais. In: ATLAS Nacional do Brasil. **Cadernos de Geociências**, Rio de Janeiro: IBGE/Diretoria de Geociências, n. esp., p. 69-81, 1991.

Nota: 1. Tem como base os dados de emprego.

2. Descrição da tipologia de Almeida e Ribeiro (1991):

Grupo 1: centros fortemente monoindustriais - apenas um gênero detém 75% ou mais do VTI do centro.

Grupo 2: centros monoindustriais - um único gênero detém de 50% a 75% do VTI do centro, ou um só gênero detém de 45% a 50% do VTI do centro, desde que não haja gênero com mais de 10%.

Grupo 3: centros bipolares - dois gêneros têm VTI superior a 10% e, no mínimo, um deles ultrapassa 25% do total do VTI do centro.

Grupo 4: centros com tendência à diversificação - três gêneros superiores a 10% cada um, cuja soma deve ser de 60% ou mais do VTI do centro.

Grupo 5: centros diversificados - três gêneros superiores a 10% cada um, cuja soma não pode passar de 60% do total do centro.

Os exemplos de especialização são muitos, mas pouco se fala de regiões que, em face das necessidades de reestruturação, tenham aprofundado sua diversificação como estratégia de enfrentamento das adversidades. Os dados mostram que a região de Caxias do Sul se diversificou e que seu crescimento se manteve a taxas maiores que o conjunto do Estado. Isso mostra que a especialização não é a única alternativa para enfrentar uma situação de dificuldades econmicas.

Tomando a situação de alguns municípios da região, observa-se que Caxias do Sul, que já tinha uma indústria bastante diversificada em 1990, se diversificou mais ainda em 2000. Sendo a capital regional, o fato reveste-se de especial importância. Por outro lado, temos o Município de Carlos Barbosa, onde a indústria era altamente especializada (gênero metalúrgica), mas sofreu uma certa diversificação, na medida em que passou do Grupo 1 para o Grupo 2. Diversos municípios, com industrialização mais ou menos intensa, comportaram-se da mesma maneira: Veranópolis, São Marcos, Farroupilha. Outros há, evidentemente, que seguiram a trajetória inversa, como Antnio Prado e Bento Gonçalves. Citem-se, ainda, os que permaneceram na mesma situação, como Flores da Cunha e Garibaldi.

Apesar de rápidas, essas observações permitem mostrar que o dinamismo industrial da região de Caxias não está concentrado em um gênero, tampouco numa cadeia produtiva ou num "pólo", como pensam alguns. Ele está distribuído em diversos gêneros, o que vem a contribuir com o que queremos ressaltar, ou seja, a diversificação como uma característica e, ao mesmo tempo, como uma condição para o desenvolvimento sustentado dessa região.

3 - As reações da indústria local frente à reestruturação industrial e à abertura dos mercados: comentários

A busca de relações econmicas fora da região sempre foi uma característica do desenvolvimento de Caxias do Sul e de comunidades vizinhas. Nas primeiras décadas da imigração, alguns comerciantes já teciam relações comerciais com Porto Alegre, com o Vale do Ca e com o Vale do Sinos. Outros, mais arrojados, aventuravam-se pelos Campos de Cima da Serra, indo até mesmo a São Paulo, de onde traziam mercadorias para vender na região.

Assim, durante sua evolução econômica, a procura de novos mercados e o desenvolvimento do comércio andaram a passo com o desenvolvimento industrial da região. Bem anteriormente à criação do Mercosul, empresas locais já cultivavam relações comerciais com os países do Prata.

Sem menosprezar os efeitos da recente abertura da economia brasileira, que certamente teve reflexos na região de Caxias, pode-se dizer que essa não foi de todo surpreendida pelo acontecimento. Certos setores da indústria local já participavam ativamente do mercado internacional através das exportações, e já estavam, portanto, habituados a trabalhar com regras de concorrência mais acirrada, em que a qualidade do produto, a garantia dos prazos, dentre outros fatores, são considerados definidores da participação das firmas nesses mercados. Um exemplo interessante, nesse sentido, é o ramo da cutelaria, dentre outros.

Cumpre ressaltar que um dos gêneros que mais sofreu as conseqüências da abertura dos mercados, sobretudo em relação aos produtos vindos do Mercosul, foi o de bebidas. Responsável por 95% da produção brasileira de vinhos, o setor demonstrou que não estava preparado para fazer face à concorrência das produções argentina e chilena notadamente, nem em termos de preço, nem de qualidade. Nos dias que correm, pode-se dizer que a região começa a reverter esse quadro, com um aperfeiçoamento das variedades viníferas e um rigoroso controle de qualidade no processo de produção, o que tem permitido iniciar uma ampliação de mercados.

No conjunto da indústria regional, observa-se que há possibilidades de criação de alternativas e busca de soluções pontuais para os problemas decorrentes do acirramento da competitividade. Nossa pesquisa constatou que a maioria das grandes firmas regionais passou (ou está passando) por um processo de reestruturação. Várias empresas de médio porte incluem-se, também, nessa preocupação.

A reestruturação industrial, na sua essência, constitui-se numa resposta aos desafios colocados pela perda de dinamismo do modelo industrial baseado na produção em massa. No nível da firma, a reestruturação baseia-se na inovação tanto tecnológica quanto organizacional, em busca de uma maior flexibilidade.

O que se pode dizer da região de Caxias no que concerne à reestruturação industrial é que ela tem procedido a modernizações sem abandonar totalmente características tradicionais de produção. Segundo Heredia e Peruzzo (1998, p. 153), "(...) as mudanças tecnológicas ocorreram por meio da introdução de equipamentos microeletrônicos adaptados à tecnologia convencional. Isso significa que houve introdução de novas tecnologias através de máquinas e controles, mantendo-se entretanto a estrutura tradicional do tecido industrial". Muitas vezes, num mesmo chão de fábrica, encontram-se equipamentos automatizados ao lado de outros de base mecânica simples.

Pelo que pudemos depreender das entrevistas efetuadas com diversos empresários da região, a principal preocupação — aquela que norteia todo e qualquer tipo de mudança no interior da firma — é a diminuição de custos de

produção. A modernização tecnológica não é uma estratégia em si mesma. Tanto que os investimentos em pesquisa tecnológica e em aperfeiçoamento da mão-de-obra não são tidos como de responsabilidade das empresas, deixando-se essa iniciativa a outros agentes, como o poder público, a universidade e os centros de pesquisa.

Com o objetivo de reduzir os custos de produção, observamos que as empresas recorrem, em grande medida, à terceirização, isto é, à contratação de serviços externos, como: segurança, limpeza, informática, manutenção de equipamentos, *marketing*, alimentação, transporte e despachantes aduaneiros.

Também nos foram relatados procedimentos relacionados ao encurtamento de tempo nas etapas de produção, bem como o “encolhimento” do organograma da empresa, com a supressão de cargos e a racionalização das tarefas.

A cooperação interfirmas, como forma de reduzir custos (como, por exemplo, através da elaboração de estratégias comuns de penetração no mercado externo), não aparece como um recurso utilizado amplamente pelos empresários.

Por outro lado, nossa pesquisa detectou um processo de precarização do trabalho que se enquadra na estratégia de redução de custos em busca da flexibilidade. Segundo líderes sindicais entrevistados, essa precarização do trabalho se consubstancia, por um lado, num aumento do trabalho a domicílio, em que o trabalhador é tido como autônomo, escapando o patrão aos custos sociais correspondentes. Por outro lado, o *turn over*, que consiste na rotatividade da mão-de-obra para manter os salários no seu nível mais baixo, é outro elemento dessa precarização.

Para finalizar sobre a busca da flexibilidade produtiva na região de Caxias, lançamos mão das observações de Leborgne e Lipietz (1988)⁷ sobre dois tipos de flexibilidade. Esquemáticamente, seria o seguinte:

- a) **flexibilidade defensiva** - visão de curto prazo. Trata-se de uma simples reação às adversidades oriundas do acirramento da concorrência, em que a redução de custos, sobretudo do trabalho, parece ser o objetivo principal. As relações entre subcontratantes e subcontratados são tensas e oportunistas. A modernização tecnológica e organizacional é conservadora e vem acompanhada de retrocesso em termos sociais;
- b) **flexibilidade ofensiva** - visão de longo prazo. Existem vínculos mais densos de cooperação entre trabalhadores, firmas e instituições, visando a interesses coletivos do sistema local como um todo.

⁷ Em Lins (2000, p. 239).

Desnecessário seria dizer que esses dois tipos de flexibilidade representam pontos extremos e servem apenas para orientar a observação empírica. A realidade pode muito bem apontar para situações intermediárias, e mesmo híbridas.

No que concerne à região de Caxias do Sul, pelo que se pode observar durante a década de 90, sua indústria parece orientar-se por uma flexibilidade do tipo **defensiva**, uma vez que a visão de longo prazo e as práticas cooperativas entre os diversos agentes regionais não estão colocadas em primeiro plano.

As possibilidades de **crescimento econômico** da região de Caxias estão dadas, segundo nosso ponto de vista, pelo caráter diversificado de sua indústria, que, mesmo sem uma visão de longo prazo, parece ter o dinamismo suficiente para levar adiante esse processo.

Ao se tratar do **desenvolvimento regional**, entretanto, a questão coloca-se em outros moldes. A sustentação de um processo de desenvolvimento regional depende não apenas da performance das empresas locais, mas, também, e muito mais, da capacidade que devem ter os agentes locais de empreenderem uma ação coordenada em busca de estratégias comuns. Essa idéia se insere na concepção de desenvolvimento local, amplamente tratada na literatura internacional, que tem se encarregado de trazer à discussão novas formas de inserção das economias locais na “economia-mundo”.

4 - Sobre o desenvolvimento local: nova abordagem para um novo fenômeno

Mas o que há de novo no chamado desenvolvimento local? O novo está no simples fato de que, a partir dos anos 80, começaram a surgir novas formas de dinamismo regional onde não se esperava que surgissem. Ou seja, a ciência regional viu-se, de uma certa maneira, surpreendida pelo desenvolvimento econômico de regiões onde os fatores em jogo não eram aqueles que se identificava, ou se recomendava, como estimuladores do processo. As concepções, então em voga, do desenvolvimento “de cima para baixo”, que dependia de elevados investimentos do poder central, bem como a conhecida “teoria dos pólos de crescimento”, são exemplos de abordagens que se tornaram incapazes de explicar os casos de desenvolvimento endógeno que começaram a aparecer, notadamente na metade norte do planeta.

O que se entende, então, por desenvolvimento local? A expressão compreende diversas abordagens, como distritos industriais, sistemas produtivos localizados e meios inovadores. Entretanto o traço comum entre elas é que se tratam de experiências de desenvolvimento baseadas em forças endógenas,

onde as instituições e as autoridades locais exercem seu próprio papel econômico, independente do Estado central (ou de outras instâncias que lhes sejam superiores). A economia local busca tirar seu dinamismo de fatores que lhes são próprios, que vêm de seu passado, têm raízes em sua história, muitas vezes em suas condicionantes geofísicas, mas também em traços culturais e em sabedoria técnico-artesanal enraizados naquela unidade socioterritorial.

Os atores locais (pessoas e instituições) exercem um papel fundamental, num contexto em que a lógica econômica não é sempre dominante. Práticas cooperativas e iniciativas coletivas têm sido apontadas pela literatura como fatores decisivos para fortalecer o tecido social local, trazendo, muitas vezes, vantagens econômicas que, de outra maneira, não seriam obtidas. A força do desenvolvimento local vem do conjunto do tecido social, pois ele parte das aptidões humanas filtradas por fatores históricos, sociais e naturais.

Segundo Pecqueur (1996, p.19),

“(...) as experiências de desenvolvimento local demonstram a capacidade das coletividades locais de se adaptarem às imposições da internacionalização da concorrência a partir de seu potencial de organização. Verifica-se que há organizações bem locais que respondem à uniformização dos comportamentos provocada pela mundialização das trocas e que permitem encontrar formas mais eficazes de valorização de riquezas”.

Na visão de Senbenberger (1993, p. 355), o desenvolvimento local é uma situação onde “(...) as economias locais podem, graças à melhor utilização de recursos, à melhor colaboração entre empresas, trabalhadores e outros agentes locais, promover vantagens comparativas, em resposta aos imperativos de eficiência e inovação”. Para esse autor, o desenvolvimento local transcende o interesse econômico imediato, na medida em que mobiliza os cidadãos a participarem da vida social, política e cultural da região, auxiliando no fortalecimento da identidade regional.

Sendo as experiências de desenvolvimento local resultado de uma combinação particular de elementos históricos, sociais, econômicos e geográficos, deve-se ressaltar que, no limite, cada caso é único, e, conseqüentemente, o fenômeno não pode ser deliberadamente reproduzido em outro local. Fica difícil, portanto, tomá-lo como **modelo**, o que, entretanto, é feito, muitas vezes, na formulação de políticas “vindas de cima”, com a intenção de provocar o desenvolvimento numa dada região.

Do conjunto de casos relatados, a literatura ressalta que, em muitos deles, esteve em jogo algo como “elementos do acaso”, ou seja, combinações de fatores favoráveis ao desenvolvimento ligadas a situações bem específicas que ocorreram num determinado tempo, num determinado espaço, através de determinados agentes. Constata-se, então, um certo grau de espontaneidade

baseada nas particularidades de cada caso, especialmente no comportamento dos atores. Evidentemente, esse acaso não pode ser reproduzido através de políticas de desenvolvimento.

Convém salientar, ainda, que o fato de o desenvolvimento local se basear na valorização de recursos internos à região não quer dizer que estejamos em presença de uma **forma autárquica** de desenvolvimento, o que não teria o mínimo sentido numa economia relacional como a atual. O desenvolvimento local não pode ser pensado como uma experiência fechada, cujo sucesso advenha desse fechamento ou auto-suficiência. Muito ao contrário, trata-se de um espaço que **soube estabelecer relações**, que soube utilizar as trocas com o exterior em seu benefício. Essas relações estão, portanto, sujeitas a certas condições e articuladas com as necessidades da região. As regiões “ganhadoras” são justamente aquelas que encontram um modo próprio de integração aos mercados nacionais e internacionais, e não aquelas que se fecham.

Por outro lado, devemos ter em mente que o modo de desenvolvimento local não resolve o problema das **desigualdades inter-regionais**. Ao contrário, na medida em que a mundialização estimula a competição entre os territórios, as desigualdades podem se aprofundar. A par disso, podem se criar desigualdades sociais dentro da região, como, por exemplo, através da segmentação e especialização do mercado de trabalho.

Apesar de ser uma experiência que, como vimos, tem na cooperação entre os agentes um elemento básico, o desenvolvimento local não está imune às contradições e aos conflitos existentes na sociedade. Porém a lógica do desenvolvimento local tem uma funcionalidade que se sobrepõe às diferenças e aos conflitos locais na medida em que os agentes estejam convencidos de que é mais vantajoso atuar em conjunto, mesmo sacrificando parte de seus interesses particulares momentâneos, para obterem um ganho maior, mais adiante.

Embora breves, esses comentários sobre o modo do desenvolvimento local nos levam a pensar sobre o caso da região de Caxias do Sul. Como referimos anteriormente, a região tem, sem dúvida, um dinamismo que lhe permite manter um crescimento econômico relativamente estável, tendo mostrado condições de minimizar os efeitos desestabilizadores provocados pela abertura dos mercados e pelas novas regras de competição internacional. Apesar disso, a região não se caracteriza pelo desenvolvimento de práticas cooperativas entre os diversos agentes, que buscassem o estreitamento dessas relações visando a uma estratégia comum. O individualismo ainda é o princípio que move os empreendedores locais em sua maioria, ao mesmo tempo em que as desigualdades intra-regionais se acentuam, notadamente no que concerne à repartição dos resultados desse sólido crescimento econômico. Nesse sentido,

ainda há muito a ser feito, em nível regional, pelos agentes locais, em concertação com as escalas estadual e nacional, evidentemente no sentido de transformar esse **crescimento** econômico em **desenvolvimento** local.

5 - Conclusão

O binômio especialização/diversificação, no quadro regional, expressa diferentes formas de desenvolvimento industrial, nuançadas cada uma por suas vantagens e por suas limitações. A pesquisa em economia regional ainda não está madura o suficiente para formular uma teoria a respeito. Da mesma forma, a geografia econômica limita-se a constatações empíricas sobre o assunto, podendo-se dizer que ela tem dado ênfase às regiões especializadas.

Nesse contexto, o presente artigo buscou mostrar que o desenvolvimento baseado numa diversificação industrial também é viável, podendo ser até mesmo mais adequado numa conjuntura de riscos e incertezas como a atual. O caso da região de Caxias do Sul é bastante ilustrativo, uma vez que a região passou pela década de 90 sem experimentar uma verdadeira crise, tendo, inclusive, aprofundado sua diversificação, o que parece ter funcionado como uma espécie de “mecanismo de defesa”.

Deve-se, então, pensar em políticas de desenvolvimento regional que estimulem uma diversificação, abandonando uma especialização eventualmente existente? Evidentemente que a questão não é tão simples assim. Uma especialização regional é resultante de uma construção levada a efeito pelos agentes locais durante um certo tempo, quando foram investidos recursos, aprimorados conhecimentos, vindo a formar o patrimônio regional. A nosso ver, não seria vantajoso, para uma região, abandonar essas conquistas. Por outro lado, sabe-se que um aprofundamento da especialização tende a propiciar maiores oscilações no dinamismo econômico, tornando a região mais vulnerável a fatores externos. Interessante seria, em termos de política de desenvolvimento regional, pensar em mecanismos compensatórios para essa fragilidade inevitável das regiões altamente especializadas, como, por exemplo, procurar diversificar os mercados. No que tange às regiões diversificadas, cremos que elas devem ser estimuladas a aproveitar melhor seu potencial de trocas intersetoriais, de modo a sedimentar o tecido industrial.

No contexto da economia mundial, observa-se que são inúmeros os modos de inserção das regiões⁸, sendo o binômio especialização/diversificação nada

⁸ Ver Benko e Lipietz (1992), dentre outros.

mais do que um aspecto a considerar. O fato de que diversas regiões, no mundo todo, tenham se desenvolvido de diferentes formas, levando em conta suas peculiaridades, gera um certo desconforto por parte dos pesquisadores mais ou menos ortodoxos, que buscam enquadrar as novas realidades ao arcabouço interpretativo existente. Na verdade, o poder explicativo dos modelos em economia regional vem se restringindo paulatinamente, o que aponta para a necessidade de novos estudos de caso, buscando, antes de mais nada, auscultar a realidade tal qual ela se apresenta.

Bibliografia

ALMEIDA, Roberto S.; RIBEIRO, Miguel A. C. Análise da organização espacial da indústria brasileira através de uma tipologia de centros industriais. In: ATLAS Nacional do Brasil. **Caderno de Geociências**, Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria de Geociências, n. esp., dez. 1991.

AYDALOT, Philippe. A la recherche des nouveaux dynamismes spatiaux. **Crise et Espace**, Paris: Economica, 1984.

BENKO, Georges; LIPIETZ, Alain (org.). **Les régions qui gagnent**. Paris: PUF, 1992.

HEREDIA, Vania; PERUZZO, Juliane. Implicações tecnológicas nos processos de trabalho na indústria caxiense. **Cadernos de Pesquisa**, v. 6, n. 3, 1998.

LEBORNE, Daniël; LIPIETZ, Alain. O pós-fordismo e seu espaço. **Espaço e Debates**, São Paulo: NERU, v. 8, n. 25, 1988.

LINS, Hoyêdo. Clusters industriais, competitividade e desenvolvimento regional: da experiência à necessidade de promoção. **Estudos Econômicos IPE-USP**, São Paulo, v. 30, n. 2, abr./jun. 2000a.

LINS, Hoyêdo. **Reestruturação industrial em Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 2000b.

MATTEACCIOLI, Andrée. **Les facteurs généraux de l'évolution économique contemporaine explicatifs des dynamiques de l'espace géographique**. [Paris]: Université de Paris I, 1995. (Texto apresentado para Université de Paris).

PECQUEUR, Bernard (org.) **Dynamiques territoriales et mutations économiques**. Paris, l'Harmattan, 1996.

SENBENBERGER, W. Développement local et concurrence économique internationale. **Revue Internationale du Travail**, v. 132, n. 3, 1993.